

O CONFRONTO DAS SUPERPOTÊNCIAS: O TRAJETO DO FRIO – DOS ESTADOS UNIDOS À EURÁSIA

Filipe Magalhães

*Licenciado em História pela Universidade do Minho
Mestrando em História e Património (especialidade de Estudos Locais e Regionais – Construção
de Memórias) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

filipealvesmag@gmail.com

O nosso objetivo ao redigir este artigo foi o de tentar compreender a relação entre os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no pós-II Guerra Mundial, até ao culminar do século XX, quando, em 1991, a “Guerra Fria” terminou. Quando, em 1946, Churchill afirmou, em Fulton, que uma «cortina de ferro» dividia a Europa, o processo de sovietação dos países de Leste era já irreversível. Sob a tutela diplomática e militar da URSS, os partidos comunistas ganhavam forças e, progressivamente, tomavam o poder. Um ano passado sobre o Alerta de Churchill, os Estados Unidos assumem, frontalmente, a liderança da oposição dos avanços do socialismo. Nas páginas finais apresentámos uma cronologia com as datas que nos parecem merecedoras de destaque e, também, uma lista de siglas.

Palavras-chave: Guerra Fria. Estados Unidos da América. URSS.

INTRODUÇÃO

É da Guerra Fria, baluarte do século XX – o século que ensinou a quem nele viveu a sobreviver nas condições mais brutalizadas e intoleráveis – que vamos falar. Importa, portanto, estabelecer algumas diferenças entre o início e o fim do século. O mundo tinha deixado de ser eurocêntrico e a Europa entrara em delírio porque as indústrias em que ela fora pioneira estavam a migrar para outras regiões do planeta. Entre 1914, com o advento da I Guerra Mundial, e os inícios dos anos 90, o mundo transformou-se e tornou-se em muito mais do que era: passou a ser uma unidade operacional única e “global”. A característica mais impressionante do fim do século XX é a tensão entre esse processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta de instituições públicas e do comportamento coletivos dos seres humanos se acomodarem a ele. De facto, a guerra

civilizada limitou-se, até onde era possível, a cumprir um só objetivo: incapacitar as forças armadas do inimigo. É exatamente a estes “inimigos” que, ao longo deste artigo, vamos dedicar alguma atenção, porque eles eram, em última instância, um conjunto de indivíduos egocêntricos sem mais nada em comum, em busca da sua própria satisfação.

Ao contrário do que Hollywood e os estúdios britânicos de Pinewood poderiam fazer crer, a Segunda Guerra Mundial não foi uma guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha na Europa e os Estados Unidos e o Japão no Pacífico. Foi uma série de conflitos interligados que começaram no final da década de 1930 na Europa com a expansão da Alemanha nazi, que se estenderam ao Império Britânico e à União Soviética e se alastraram até ao Norte de África. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, no final de 1941, esta passou a incluir o conflito na Ásia e no Pacífico que começara entre o Japão e a China mas se expandira com o envolvimento das potências do Eixo e dos Aliados.¹

A CONSOLIDAÇÃO DE UM MUNDO BIPOLAR

Como enunciámos previamente, o *processo de sovietação dos países de Leste* era, após 1946, irreversível. Vejamos, agora, quais os processos pelos quais passou e, também, de que forma EUA e URSS se posicionaram, sobretudo porque este último se posicionou na tutela diplomática e militar desta missão, através da criação, em 1947, do *Kominform*.

A ESCALADA ARMAMENTISTA

Para além dos esforços postos na constituição de alianças internacionais, os dois blocos procuraram apetrechar-se para uma eventual guerra, investindo grandes somas na conceção e fabrico de armamento cada vez mais sofisticado. Os EUA, em 1948, tinham um gasto de 10,9 milhares de milhões de dólares com a defesa; em 1970, esse custo aumentara para 77,8. A URSS, por sua vez, despendia 13,1 milhares de milhões de dólares, dobrando esse valor para 72,0 em 1970, o que denota a vontade de ambas as potências não se deixarem superar.

Nos primeiros anos do pós-guerra, os Estados Unidos sentiam-se protegidos por uma evidente superioridade técnica. Só eles tinham o segredo da bomba atómica, que consideravam a sua melhor defesa. Quando em setembro de 1949 os Russos fizeram explodir a sua primeira bomba atómica, a confiança do Ocidente desmoronou-se. De

¹ Churchill, Winston. 1940. «Lutaremos nas Praias». In *21 Discursos Que Mudaram o Mundo*, org. Chris Abott. Lisboa: Bertrand Editora, 199.

imediatamente, os cientistas americanos incrementaram as pesquisas de uma arma ainda mais destrutiva: em 1952 testava-se, no Pacífico, a primeira bomba de hidrogênio, com uma potência mil vezes superior à bomba de Hiroxima. A *corrida ao armamento* tinha começado.

O INÍCIO DA ERA ESPACIAL

Cientes de que a superioridade tecnológica poderia ser decisiva, as duas superpotências dedicaram grande atenção aos ramos da Ciência relacionados com o equipamento militar. Durante a Segunda Guerra Mundial, na esperança de encontrar uma arma que lhe garantisse a vitória, a Alemanha tinha secretamente desenvolvido a tecnologia dos foguetes e criado os primeiros mísseis. Em 1945, os cientistas envolvidos neste projeto emigraram para a URSS e para os Estados Unidos, onde desempenharam um papel relevante nos respectivos programas espaciais.

Surpreendendo o Mundo, a URSS colocou-se à cabeça da conquista do Espaço quando, em outubro de 1957, conseguiu colocar em órbita o primeiro satélite artificial da História, o *Sputnik 1*. No mês seguinte, lançou o *Sputnik 2*, de maiores dimensões. Face a estes sucessos, a consternação dos americanos – que até aí tinham considerado a URSS tecnologicamente inferior – foi grande. Na ânsia de igualarem, no mesmo ano, a proeza russa, anteciparam o lançamento do seu próprio satélite, mas o foguetão que o impulsionava explodiu e a experiência foi um fiasco. Só no início de 1958, com o lançamento do *Explorer 1*, a América efetivaria a sua entrada na corrida ao Espaço.

Nos anos que se seguiram, a aventura espacial alimentou o orgulho nacional de ambas as nações. Nos primeiros tempos, os soviéticos mantiveram a liderança e, em 1961, fizeram de Yuri Gagarin o primeiro ser humano a viajar na órbita terrestre. No entanto, no fim da década de 60, coube aos americanos Neil Armstrong e Edwin Aldrin o feito de serem os primeiros homens a pisarem a Lua.

Se nos propomos ganhar a batalha que agora se trava no mundo entre a liberdade e a tirania, os acontecimentos impressionantes que recentemente ocorrem no espaço devem ter tornado claro para todos nós (...) qual o impacto desta aventura nos espíritos dos homens que, em todo o mundo, tentam tomar uma decisão sobre o caminho a seguir².

A AFIRMAÇÃO DE NOVAS POTÊNCIAS

² Discurso do presidente John F. Kennedy perante o Congresso dos EUA a 25 de maio de 1961.

Vencido, humilhado e destruído no fim da Segunda Guerra Mundial, nada fazia prever o extraordinário desenvolvimento do Japão, que ocupa, hoje, o lugar de segunda potência económica mundial, depois dos Estados Unidos. “Nós, o Povo Japonês, através dos nossos representantes devidamente eleitos para a Assembleia Nacional, determinados a assegurar (...) os benefícios da cooperação pacífica com todas as nações”³.

O RÁPIDO CRESCIMENTO DO JAPÃO. OS FATORES DE DESENVOLVIMENTO.

O “milagre japonês” beneficiou de uma conjuntura favorável. A ocupação americana modernizou as estruturas políticas e sociais do país e, mesmo após 1952, altura em que o Japão readquiriu a sua plena soberania, os EUA disponibilizaram importantes ajudas financeiras e técnicas que permitiram uma rápida reconstrução económica⁴. À semelhança do que aconteceu na Europa, com o Plano Marshall, foi também a necessidade de sustentar o avanço comunista que esteve subjacente à ajuda americana. Após a vitória de Mao Tsé-Tung na China (1949) o Japão passou a ser visto como um precioso aliado do bloco ocidental no Oriente.

Contudo, os japoneses também souberam criar as condições necessárias à sua prosperidade. Um sistema político excepcionalmente estável permitiu a atuação concertada entre o Governo e os grandes grupos económicos. O Estado viu-se obrigado a intervir ativamente na regulação dos investimentos, na concessão de créditos, na proteção de empresas e do mercado nacional. A mentalidade japonesa, muito diferente da ocidental, foi também um importante fator de crescimento. Dinâmicos e austeros, completamente devotados à causa da reconstrução nacional e ao seu trabalho em particular, empresários e trabalhadores cooperaram estreitamente na realização de objetivos comuns. Munido de mão de obra abundante e barata e de um sistema de ensino abrangente mas altamente competitivo, o Japão lançou-se à tarefa de se transformar na primeira sociedade de consumo do continente asiático.

³ Constituição do Japão (1946) onde o país renunciou, para sempre, à guerra, motivo pelo qual foi desmilitarizado; no entanto, e dada a necessidade de contenção do comunismo no Extremo Oriente, foi autorizado o rearmamento, embora sob profundas limitações.

⁴ Os americanos implementaram também um programa de ajuda económica, semelhante ao Plano Marshall, que ficou conhecido como Plano Dodge.

Os «tigres asiáticos»⁵

Na década de 1950, a zona da Ásia hoje conhecida como «arco do Pacífico» vivia ainda das suas atividades tradicionais. Nos anos 90 tinha-se tornado um polo de desenvolvimento intenso, capaz de concorrer com os Estados Unidos e a União Europeia. A economia desta região desenvolveu-se em três fases consecutivas: em primeiro lugar emergiu o Japão⁶; depois, em conjunto, os *quatro dragões* (ou *tigres*) *asiáticos*: Hong Kong, Singapura, Coreia do Sul e Taiwan; finalmente, os países do Sudeste, Tailândia, Malásia e Indonésia, seguidos, a pouca distância, pela imensa República Popular da China.

O sucesso do Japão serviu de incentivo e de modelo à primeira geração de países industriais do Leste asiático. Estes países tinham, à partida, poucos trunfos em que se apoiar: careciam de terra arável, de recursos mineiros, energéticos e capitais. Enfrentavam, ainda, os problemas da superpopulação. Tomando como objetivo o crescimento económico, os governos procuraram atrair capitais estrangeiros, adotaram políticas protecionistas, concederam grandes incentivos à exportação e investiram fortemente no ensino, compensando a escassez de capitais, com a exploração de mão de obra abundante e disciplinada.

Os *quatro dragões* constituíram um tremendo sucesso económico. Em 1976, o Japão e os seus novos parceiros asiáticos produziam, em conjunto, 60% das exportações mundiais de bens manufaturados. Apesar do seu enorme êxito, os NPI⁷ da Ásia confrontavam-se com dois problemas graves: o primeiro, a excessiva dependência em relação às economias estrangeiras – quer em termos financeiros e energéticos – quer, sobretudo, na esfera comercial; em segundo lugar, a intensa rivalidade que separava estas economias, uma vez que concorriam, na mesma zona geográfica, com os mesmos produtos.

Quando a economia ocidental abrandou, na década de 1970, os países asiáticos foram induzidos a procurar mercados e fornecedores mais próximos da sua área geográfica. Voltaram-se, então, para os países membros da ASEAN. Desta organização

⁵ *Dragões asiáticos*: Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Taiwan; *tigres asiáticos*: Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas.

⁶ Esta emergência deve-se ao «milagre japonês».

⁷ A terminologia “NPI” – Novos Países Industrializados – carece de confirmação no caso particular de alguns países, sendo, porém, estável relativamente a alguns grupos da Ásia.

faziam parte a Tailândia, a Malásia, a Indonésia e as Filipinas⁸, países cujas economias se encaixam perfeitamente na do Japão e nas das quatro novas potências, devido à sua riqueza em matérias-primas, recursos energéticos e bens alimentares.

Ambas as partes deram início a uma cooperação regional estreita: o Japão, a Coreia do Sul e Taiwan iniciaram a exportação de bens manufaturados e tecnologia para os países do Sudeste e começaram a investir fortemente na exploração das suas reservas petrolíferas. O «milagre» sul-coreano, baseado nos esforços desta indústria, orientou a produção industrial para a robótica inteligente, depois da revisão de bases motivada pela crise financeira asiática de 1997-98. A ação da ASEAN⁹ preconizava: primeiro, manter a estabilidade macroeconómica e financeira da região através da harmonização das políticas macroeconómicas e financeiras; segundo, impulsionar a integração económica através da completa implementação da área de comércio livre da ASEAN, do lançamento da área de investimento da ASEAN, da consolidação e expansão das relações económicas com outras regiões; terceiro, incrementar a livre circulação de serviços dentro da região; quarto, promover a liberalização do setor financeiro e uma cooperação mais estreita no campo monetário; quinto, acelerar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia; sexto, promover o desenvolvimento do capital humano em todos os setores de economia através de uma educação de qualidade, do aumento de competências e de treino.

Este intercâmbio permitiu a emergência de uma segunda geração de países industriais na Ásia - Tailândia, Malásia e Indonésia - que desenvolveram a sua produção, apoiada numa mão de obra barata, em virtude do seu atraso. A região começou a crescer de forma integrada produzindo, o Japão e os *quatro dragões*, mercadorias de melhor qualidade e preço mais elevado. A ASEAN, por outro lado, dedicava-se a bens de consumo – de preço e qualidade inferior – destinados, em grande parte, aos mercados americano e asiático.

Os Estados do «arco do Pacífico» tornaram-se, deste modo, um polo económico articulado, com elevado volume de trocas inter-regionais. A Austrália, a Nova Zelândia, os Estados Unidos e o Canadá integraram-se nesta zona económica através da APEC¹⁰. O crescimento asiático alterou a balança da economia mundial, até aí concentrada na tríade EUA, Europa e Japão. O crescimento acarretou, no entanto, custos ecológicos e

⁸ A cidade de Singapura é um dos *quatro dragões* – e maior porto de tráfico do Mundo –, e também membro fundador da ASEAN.

⁹ Pressupostos definidos em dezembro de 1997 numa reunião da ASEAN em Kuala Lumpur (Malásia).

¹⁰ Em 2001 incluía já 21 países.

sociais muito altos: a Ásia tornou-se a região mais poluída do Mundo e a sua mão de obra permaneceu, maioritariamente, pobre e explorada. Numa perspetiva ocidental, faltam, também, as liberdades cívicas que a maioria dos regimes, de índole autoritária, não foi ainda capaz de instituir.

OS ANOS DO FRIO

“Os Estados Unidos diferenciaram-se de qualquer outra nação moderna pelo facto de que a sua formação histórica se realizou em condições ideais de segurança exterior”¹¹. Os quarenta e cinco anos que vão do lançamento das bombas atómicas até ao fim da União Soviética não formam um período homogéneo único na história do mundo. Efetivamente, a histórica entre 1945 e 1991 foi profundamente marcada pelo confronto constante entre as duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial, comumente designado por *Guerra Fria*¹². Não se estranhará, portanto, que Hobsbawm (1996) diga ter-se entrado na “Terceira Guerra Mundial”¹³ ainda mal estava acabada a Segunda.

Convém, antes de continuar, definir o conceito de Guerra Fria. Ela corresponde à designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, balizando-se cronologicamente entre o final da Segunda Guerra Mundial e a extinção da segunda força em trânsito (1991). Em síntese, foi um conflito de ordem política, militar, tecnológica, económica, social e ideológica entre as duas nações e respetivas zonas de influência. Alguns historiadores defendem o clima “frio” que se fez sentir devido à disputa entre o capitalismo, representado pelos Estados Unidos, e o socialismo totalitário, encabeçado pela União Soviética; outros defendiam que esta guerra se deveu à disputa entre as liberdades civis (EUA) e a imposição do comunismo (URSS). Se continuarmos a analisar a sintaxe da designação deste conflito, cumpre-nos dizer que ela (a guerra) é *fria* porque não houve um conflito direto, isto é, bélico – quente – entre as duas superpotências. Este afrontamento prolongou-se até meados dos anos 80, altura em que o bloco soviético mostrou os primeiros sinais de fraqueza. A

¹¹ Furtado, Celso. s/d. «Esferas de influência e desenvolvimento: o caso da América Latina». *Análise Social*, vol. VII (n.º 25-26): 51.

¹² Início entre 1947 e 1948 quando os Estados Unidos dispuseram-se apoiar a recuperação económica da Europa através do Plano Marshall.

¹³ Hobsbawm, Eric. 1996. *A Era dos Extremos: 1914-1991*. Lisboa: Editorial Presença, 226.

tensão provocada pelo Bloqueio de Berlim¹⁴ acelerou as condições que conduziram, em 1949, ao Tratado do Atlântico Norte¹⁵. Com o término da Segunda Guerra Mundial, em maio de 1945, tropas soviéticas e ocidentais encontravam-se espalhadas pela Europa, de leste a oeste, formando uma linha divisória arbitrária no centro do continente. Na Conferência de Potsdam¹⁶, os aliados acordaram dividir a Alemanha derrotada em quatro zonas de ocupação, conforme os princípios defendidos na Conferência de Ialta, conceito que também se aplicou a Berlim, partida em quatro setores: francês, britânico, americano e soviético. Por tudo o que já enunciámos, vamos olhar para os quadros¹⁷ seguintes e sistematizar ideias:

Não nos é difícil inferir as profundas diferenças que separam os EUA da URSS. De algumas já falámos e, agora, as outras vão ocupar a nossa atenção. A Europa saiu da Segunda Guerra Mundial profundamente delapidada. A consolidação dos EUA no papel de potência hegemónica contribuiu francamente para um incremento considerável nos restantes países do bloco capitalista. Falámos, obviamente, dos «Trinta Gloriosos»¹⁸: o forte crescimento económico que se verificou no pós-guerra e se prolongou até meados dos anos 70, assentou numa organização produtiva do tipo “fordista”, que permitiu o surgimento e a consolidação do Estado-providência¹⁹. O período de acelerado crescimento da economia caracteriza-se pelo aumento espantoso do PIB, que triplicou; pela produtividade agrícola que quadruplicou graças às novas técnicas de exploração da terra, apesar da mão-de-obra rural ter diminuído em consequência do uso intensivo da

¹⁴ O Bloqueio de Berlim decorreu de 24 de junho de 1948 a 11 de maio de 1949 e tornou-se uma das maiores cisões da Guerra Fria. Desencadeou-se quando a União Soviética interrompeu o acesso ferroviário, rodoviário e fluvial à cidade de Berlim Ocidental. O seu objetivo era forçar as potências ocidentais a sair, permitindo que os soviéticos assumissem o controlo de toda a cidade. Em resposta, os Aliados ocidentais organizaram a ponte aérea de Berlim.

¹⁵ Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, em inglês).

¹⁶ A Conferência de Potsdam teve lugar na cidade que lhe deu o nome entre julho e agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da Segunda Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha. Os objetivos desta conferência incluíram igualmente o estabelecimento da ordem pós-guerra, assuntos relacionados com tratados de paz e como contornar os efeitos da guerra. Estaline representou a União Soviética e Truman os Estados Unidos.

¹⁷ Neves, Pedro Almiro. 2009. «Tempos, Espaços e Protagonistas». *Cadernos da História*, vol. IX. Porto: Porto Editora, 52.

¹⁸ Marques, Hélder. 1995. «Da perspectiva racional-compreensiva ao planeamento estratégico: tópicos de reflexão». Comunicação apresentada no Seminário *O Planeamento Estratégico das Cidades*, Porto, Fundação Dr. António Cupertino de Miranda.

¹⁹ O conceito político de *Estado-providência*, ou *Estado social*, veio substituir o conceito de *Estado liberal*. Neste último, entendia-se que ninguém melhor do que cada indivíduo deveria saber escolher as suas próprias necessidades e o modo mais eficaz de as satisfazer. Assim, o Estado teria apenas o papel de criar as condições necessárias ao livre exercício dos direitos naturais dos cidadãos e deveria abster-se quanto a qualquer conduta que pudesse perturbá-lo.

mecanização; a produção de energia – eletricidade, petróleo e gás natural – e a produção industrial de bens de consumo duradouros, como automóveis e eletrodomésticos, que viram o seu crescimento duplicar e a revolução verificada no desenvolvimento dos transportes terrestres e aéreos. Importa procurar saber quais são os fatores que explicam esse crescimento: em primeiro lugar, o *surto demográfico*, o baby-boom (acentuado aumento da natalidade), que nos anos 60 se traduziu num incremento do mercado consumidor; por outro lado, a mão de obra disponível cresceu, em quantidade e qualidade, prosperando as empresas. A *liberalização das trocas comerciais*, com a diminuição das barreiras alfandegárias, proporcionou a ampliação do mercado consumidor e a *intervenção do Estado na promoção da qualidade de vida dos cidadãos* fez surgir o Estado-providência. Com o *apoio financeiro aos países aliados* o aumento do poder de compra associado à disponibilidade de capitais, movimentou a economia. O *capitalismo industrial*, que se caracteriza pelo aumento da concentração industrial e pela formação de poderosas empresas multinacionais, constituídas como sociedades anónimas, geridas por equipas técnicas altamente especializadas, que financiam a investigação tecnológica e dominam os setores de produção, e a *aceleração do progresso científico e tecnológico*, aliada à ciência e à técnica, associadas, por sua vez, ao desenvolvimento da competitividade económica, foram fortemente desenvolvidas e decisivas no quadro mundial.

Dada a impossibilidade da resolução do confronto no plano estratégico, pela via tradicional da guerra aberta e direta que envolveria um confronto nuclear, as duas superpotências passaram a disputar poder de influência política, económica e ideológica em todo o mundo. Este processo caracterizou-se pelo “acender” de várias guerras regionais, onde cada potência apoiava um dos lados em xeque. Neste contexto, os *países não-alinhados* mantiveram-se fora do conflito e formaram um “terceiro bloco”: o Movimento Não Alinhado. Estes países, livres de compromissos durante a Guerra Fria com a URSS e os EUA, com o desmembramento do bloco soviético em 1991 foram obrigados a redefinir a sua posição num processo demasiado complexo que alguns ainda não concluíram. Se um governo socialista fosse implantado em algum país do Terceiro Mundo, o governo norte-americano entendia esse ato como uma ameaça à sua hegemonia; se um movimento popular combatesse um governo aliado aos soviéticos poderia ser visto pelos Estados Unidos com simpatia. A Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra do Vietnam (1962-1975) e a Guerra do Afeganistão (1979-1989) são os conflitos mais famosos da Guerra Fria, além da não menos célebre tensão na crise dos mísseis em Cuba (1962). Esta

polarização dos conflitos locais entre apenas dois grandes polos de poder mundial justifica a caracterização do mundo como bipolar: efetivamente, mesmo que tenham existido outras potências regionais entre 1945 e 1991, apenas os Estados Unidos e a URSS tinham capacidade nuclear de segundo ataque, ou seja, de dissuasão nuclear imediata. A economia de guerra - produção exclusiva de itens essenciais ao consumo, como armas e alimentos - proporcionou a colocação da figura do Estado no centro das preocupações do dia a dia: um Estado em guerra não se podia permitir ao luxo de produzir instrumentos supérfluos e, por isso, todos os planos giravam em torno das necessidades militares do Estado. Com efeito, este sistema económico foi, durante largos anos, propiciador de abrigos confortáveis a dezenas de milhares de burocratas. Com base na Lei de Murphy, segundo Hobsbawm (1996), *se algo pode correr mal, mais cedo ou mais tarde correrá*, a possibilidade diária, durante quarenta anos, de estalar um conflito à escala mundial, fazia sobressaltar várias nações. Apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global das forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado na sua essência. A URSS, através do Exército Vermelho e de outras forças, controlava uma importante parte do globo. Curiosamente, não tentavam ampliar o seu âmbito de influência pelo uso da força militar. Os EUA exerciam controlo e predominância sobre o resto do mundo capitalista, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas colónias. Em troca, não intervinham na zona aceite de hegemonia soviética. A questão do Japão era a que menos dúvidas e problemas levantava: desde cedo os EUA tinham-na bem definida, estabelecendo uma ocupação unilateral, que excluía não só a URSS como qualquer outro cobeligerante. Foi, porém, na Ásia que durante toda a Guerra Fria as duas superpotências continuaram a competir, sendo este continente a maior zona de atrito. Naquele que viria, dentro de poucos anos, a chamar-se “Terceiro Mundo”, as condições da estabilidade começaram a surgir quando se tornou óbvio que a maioria dos novos Estados pós-coloniais não era comunista; grande parte era anticomunista na sua política interna e *não-alinhado* nos “assuntos internacionais”. Em suma, o “campo comunista” não registou sinais de expansão significativa entre a revolução chinesa e os anos 70. As duas potências em oposição envidavam todos os seus esforços para resolver disputas de demarcação sem um choque aberto entre as suas forças armadas que pudesse levar a uma guerra e, ao contrário da ideologia e retórica da Guerra Fria, trabalhavam com base na suposição de que a coexistência pacífica entre elas era possível a longo prazo. «Na

hora da decisão ambas confiavam na moderação uma da outra», afiança Hobsbawm (1996), já que “até aos anos 70, esse acordo tácito de tratar a Guerra Fria como uma Paz Fria manteve-se”. Neste contexto, continuando a seguir a linha de pensamento de Hobsbawm (1996), excecionalmente, em alguns dos países mais fracos do Terceiro Mundo, as operações do KGB, na URSS e da CIA, nos EUA, não passavam de atividades “triviais”. Por outro lado, terá sido dois anos após o término da Segunda Guerra Mundial (1947), com a enunciação da doutrina Truman, o momento mais tenso e explosivo deste conflito, não sendo de estranhar que, menos de dois anos depois, os comunistas tivessem assumido o poder na China.

O desnível entre o poder destas duas superpotências e os restantes países do mundo era gritante e o monopólio dos EUA no tocante às armas nucleares era outro fator que acicataba esta tensão. Assim que a URSS adquiriu armas nucleares as duas superpotências abandonaram a guerra como instrumento de política: a ameaça nuclear passou a ser a palavra do dia, embora ambas tivessem profundo receio em cumprir o que profetizavam. É como diz Hobsbawm (1996) «a própria certeza de que nenhuma das superpotências iria de facto *querer* apertar o botão nuclear tentava os dois lados a usar gestos nucleares para fins de negociação ou para fins de política»²⁰. Para alguns, a Guerra Fria baseava-se numa crença ocidental, retrospectivamente absurda mas bastante natural, após a Segunda Guerra Mundial, de que a *Era da Catástrofe*²¹ não tinha chegado, de modo algum, ao fim. O sistema internacional pré-guerra desmoronou-se deixando os EUA diante de uma URSS comunista enormemente fortalecida em amplos trechos da Europa e em outros espaços ainda maiores fora dela. Não será surpresa, portanto, que a aliança da época de guerra entre os grandes países capitalistas e o poder socialista, agora à frente da sua própria zona de influência, se tenha rompido. As áreas controladas por Moscovo mostravam-se empenhadas em não erguer estados segundo o modelo da URSS, mas sim economias mistas em democracias parlamentares multipartidárias, absolutamente dinastias da “ditadura do proletariado” e, muito menos, de “partido único”²². Apesar de tal ato não ser muito notado, a URSS desmobilizou as suas tropas, mantendo-se, igualmente, a divisão do mundo em dois blocos: o primeiro, a Europa Ocidental e a América Central e do Sul,

²⁰ Hobsbawm 1996, 229.

²¹ Comumente aceite, e de acordo com a periodização que Eric Hobsbawm apresenta, como sendo o período que se baliza entre 1914 e 1945, isto é, o início da Primeira Guerra Mundial e o término da Segunda.

²² Hobsbawm 1996, 231.

sob influência dos Estados Unidos; o segundo, Leste Asiático, Ásia central e Europa de Leste no polo oposto.

A fragilização das nações europeias, após uma guerra violenta, permitiu que os Estados Unidos estendessem uma série de apoios económicos à Europa aliada, para que estes países se reerguessem e mostrassem as vantagens do capitalismo. George Marshall, secretário de Estado americano, propõe a criação de um amplo plano económico, conhecido como Plano Marshall, cujo objetivo era recuperar as economias dos países do ocidente e sul da Europa e para garantir a correta prossecução deste programa foi criada a Organização Europeia de Cooperação Económica. O Japão, entre 1947 e 1950, recebeu menos apoio americano e a situação só se alterou com a explosão da Guerra da Coreia, que o transformou no principal aliado das Nações Unidas. Após a declaração de guerra, os americanos encetaram um conjunto de importantes investimentos na economia japonesa, fortemente impulsionada com a demanda de guerra. Em resposta ao plano económico estadunidense, a União Soviética propôs-se ajudar os seus aliados, com a criação do COMECON²³, em resposta ao Plano Molotov²⁴.

Enquanto os Estados Unidos se preocupavam com o perigo de uma possível supremacia mundial soviética, num dado momento futuro, Moscovo preocupava-se com a hegemonia, no presente, dos EUA. Os dois países viram-se, assim, comprometidos com uma insana corrida ao armamento para destruição mútua. “Quem foi o responsável pela Guerra Fria?”²⁵. Há quem culpabilize a URSS e os dissidentes - americanos - que, por sua vez, afirmavam que a culpa era dos EUA. Outra questão profundamente pertinente é saber o que explica “o fim apocalíptico da Guerra Fria”, já que “isso veio da América. Todos os governos europeus ocidentais (...) eram (...) profundamente anticomunistas”²⁶. «Entre as nações democráticas, só nos EUA os presidentes eram eleitos para combater o comunismo, que, em termos de política externa, era tão insignificante naquele país como o budismo na Irlanda»²⁷. Os governos membros da NATO, não totalmente satisfeitos com a política estadunidense, aceitavam a sua supremacia como o preço a pagar pela proteção contra um

²³ Organização de cooperação económica, científica e técnica entre os países do Bloco de Leste, fundada em 1949.

²⁴ Organização, em termos genéricos, semelhante ao COMECON, mas de raiz americana.

²⁵ É Hobsbawm quem levanta esta questão (p. 235) a que tentaremos, na medida do que nos for possível, dar resposta.

²⁶ Hobsbawm 1996, 236.

²⁷ Hobsbawm 1996, 236.

sistema político odioso. Em suma, “a contenção era a política de todos; a destruição do comunismo não”²⁸.

O ASPETO MAIS ÓBVIO DA GUERRA FRIA

O aspeto mais óbvio da Guerra Fria é, claramente, a nível político, a polarização do mundo controlado pelas superpotências em dois “campos”. Os governos da unidade antifascista nacional que tinham acabado com a guerra em toda a Europa dividiram-se em regimes pró-comunistas e anticomunistas homogêneos. No ocidente, os comunistas desapareceram dos governos e foram sistematicamente marginalizados da política. As democracias populares multipartidárias transformaram-se em ditaduras do proletariado: “o efeito da Guerra Fria foi mais impressionante na política internacional do continente europeu do que na sua política interna”²⁹. Esta política provocou, em última análise, a criação da *Comunidade Europeia*³⁰, com todos os problemas que isso acarretou, dado que ela significava, simultaneamente, uma forma de organização política totalmente sem precedentes e um acordo permanente - ou, pelo menos, duradouro - entre as economias e os sistemas legais dos vários *Estados-nação*. Chegados aos finais do século XX, quando o sistema começou a oscilar, como todos os outros produtos da Guerra Fria, já se lhe haviam juntado outros tantos³¹.

A *Comunidade*, como tantas outras coisas na Europa pós-1945, foi criada simultaneamente a favor e contra os EUA. Ilustra tanto o poder e a ambiguidade daquele país quanto os seus limites; mas também mostra a força dos temores que manteve unida a aliança antissoviética. Não eram apenas temores em relação à URSS. Para a França, a Alemanha continuava a ser o perigo principal, e o temor de uma potência gigantesca renascida na Europa Central era compartilhado, em menor medida, pelos outros Estados europeus. Havia também, claro, temores em relação aos EUA, um aliado indispensável contra a URSS, mas um aliado suspeito - sem mencionar que, previsivelmente, podia pôr os interesses da supremacia americana no mundo acima de tudo o mais. Não se pode, portanto, esquecer que em todos os cálculos sobre o mundo do pós-guerra, e em todas as

²⁸ Hobsbawm 1996, 236.

²⁹ Hobsbawm 1996, 239.

³⁰ No ano de 1957 era formada por seis Estados: França, República Federal da Alemanha, Itália, Países Baixos, Bélgica e Luxemburgo.

³¹ Grã-Bretanha, Irlanda, Espanha, Portugal, Dinamarca e Grécia.

decisões que se seguiram a esse período, *a premissa de todos os que faziam política era a preeminência económica americana*³². Entre 1946-47 a situação vivida na Europa Ocidental era demasiado tensa e levou Washington a fortalecer a economia europeia e, pouco depois, também a japonesa.

E os EUA também não estavam em posição de impor aos Estados europeus o seu ideal de um plano europeu único, de preferência conduzindo a uma única Europa modelada com base nos EUA, tanto na sua estrutura política como na sua florescente economia de livre empresa. Nem os britânicos, que ainda se viam como uma potência mundial, nem os franceses, que sonhavam com uma França forte e uma Alemanha fraca e dividida, gostavam disso³³.

O máximo que os franceses podiam fazer era entrelaçar os negócios alemães ocidentais e franceses de tal modo que o conflito entre os dois velhos adversários fosse impossível. Os franceses não tardaram em apresentar a sua proposta de Europa: a *Comunidade Europeia do Carvão e do Aço* (1950), que se transformou na *Comunidade Económica Europeia* ou *Mercado Comum* (1957), depois simplesmente *Comunidade Europeia*, e, a partir de 1993, *União Europeia*.

Contudo, embora os EUA fossem incapazes de impor em pormenor os seus planos político-económicos aos europeus, eram suficientemente fortes para dominar o seu comportamento internacional. A Alemanha foi rearmada e os anseios de neutralismo europeu foram firmemente eliminados. E, no entanto, à medida que a era da Guerra Fria se estendia, abria-se um crescente fosso entre o domínio esmagadoramente militar, e portanto político, que Washington exercia na aliança e o enfraquecimento gradual da predominância económica dos americanos. O peso económico da economia mundial estava a passar dos EUA para as economias europeia e japonesa. O dólar, pedra fundamental da economia mundial do pós-guerra planeada e garantida pelos EUA, enfraqueceu. Durante a maior parte dos anos 60, a estabilidade do dólar, e com ela a do sistema de pagamento internacional, deixou de se basear nas reservas dos EUA, para passar à disposição dos bancos centrais europeus – sob pressão americana - que não queriam trocar os seus dólares por ouro.

Quando a Guerra Fria terminou, restava tão pouco da hegemonia económica americana que a própria hegemonia militar já não podia ser financiada com os recursos do próprio país. A Guerra do Golfo, em 1991, contra o Iraque - uma operação essencialmente americana - foi paga, de boa ou má vontade, pelos outros países que apoiaram Washington.

³² Hobsbawm 1996, 239 (citando Maier 1987, 125).

³³ Hobsbawm 1996, 240.

Felizmente para todos os envolvidos, à exceção dos habitantes do Iraque, ela acabou em poucos dias.

A CAMINHO DO FIM

Em determinado momento do início dos anos 60, a Guerra Fria pareceu dar alguns passos, ainda que hesitantes, em direção à “sanidade”. Os anos perigosos desde 1947 até aos dramáticos acontecimentos da Guerra da Coreia haviam passado sem uma explosão mundial. O mesmo aconteceu no bloco soviético, após a morte de Estaline, em 1953.

Assim, longe de terem de lutar contra a crise social, os países da Europa Ocidental começaram a observar que estavam, na verdade, a viver uma era de inesperada e disseminada prosperidade que surge, segundo Hobsbawm (1996), no fim dos anos 50, logo após o início da Guerra Fria, quando Krushev estabeleceu a sua supremacia na URSS. Krushev - crente na coexistência pacífica – dominou o cenário internacional durante os anos que se seguiram à sua entrada em cena. Foi talvez o único camponês a governar um grande Estado. Contudo, a *sanidade* teve primeiro de sobreviver ao “gosto de Krushev pelo *bluff* e as decisões impulsivas, e os gestos políticos de John F. Kennedy”³⁴.

A URSS estava preocupada não só com a retórica ambígua, muitas vezes apenas demasiado belicosa, de Washington, mas também com a rutura fundamental com a China, que agora acusava Moscovo de amolecimento em relação ao capitalismo. Forçaram, assim, Krushev a adotar uma posição pública mais inflexível em relação ao Ocidente. O resultado final destas ameaças e provocações mútuas foi um sistema internacional relativamente estabilizado e um acordo tácito entre as duas superpotências em não se “assustarem” uma à outra. O pacto preconizava a vontade – e a necessidade – de ambas as potências não assustarem, também, o mundo. Esta preocupação ficou simbolizada pela instalação da *linha quente* telefónica que passou a ligar a Casa Branca ao Kremlin. O Muro de Berlim, em 1961, fechou a última fronteira indefinida entre Oriente e Ocidente na Europa. Kennedy foi assassinado em 1963; Krushev foi mandado para casa em 1964 pelo *establishment* soviético, que pretendia levar a efeito uma abordagem menos impetuosa da política.

³⁴ Hobsbawm 1996, 242.

Em meados dos anos 70, o mundo entrou no que se chamou de *Segunda Guerra Mundial Fria*. Coincidiu com uma grande mudança na economia mundial, o período de crise a longo prazo que caracterizaria as duas décadas a partir de 1973, e que atingiu o clímax no início dos anos 80. Contudo, de início a mudança no clima económico não foi muito notada pelos participantes no “jogo das superpotências”. As duas superpotências estavam razoavelmente satisfeitas com a solidez das suas economias. Os EUA foram visivelmente menos afetados pela nova crise económica que a Europa; a URSS achava que tudo corria a seu favor. Brejnev, sucessor de Krushev, presidiu aos vinte anos a que os reformadores soviéticos chamaram “era da estagnação”³⁵ e julgava ter motivos para ser otimista.

Economia à parte, dois acontecimentos interrelacionados pareciam então alterar o equilíbrio das duas superpotências. O primeiro era a presumida derrota e desestabilização dos EUA, quando esse país se lançou numa grande guerra – a Guerra do Vietnam – que demonstrou o seu isolamento. A participação neste conflito, condenado à partida, «é quase impossível de compreender, a não ser como parte daquela densa nuvem de incompreensão, confusão e paranoia dentro da qual os principais atores da Guerra Fria Tateavam o caminho»³⁶. A guerra de Yom Kipur, em 1973, entre Israel e as forças do Egito e da Síria veio agravar a imagem de isolamento dos EUA. O Vietnam e o Médio Oriente enfraqueceram os EUA – embora isso não alterasse o equilíbrio global das superpotências ou a natureza do confronto nos vários teatros da Guerra Fria – e geraram uma onda de revoltas, entre 1974 e 1979. Esta onda de revoltas e revoluções mundiais (África, Ásia) coincidiu com o momento de fracasso público e derrota americanos que produziu a Segunda Guerra Fria. Mas foi também a coincidência desses dois factos com o otimismo e autossatisfação da URSS de Brejnev, nos anos 70, que tomou certo o fracasso americano.

A Europa vivia um período de acalmia – nem mesmo a revolução portuguesa de 1974 e o fim do regime de Franco em Espanha o alteraram – e as linhas políticas do Terceiro Mundo foram-se definindo, a par e passo. Muito antes de os propagandistas americanos explicarem que os EUA haviam decidido ganhar a Guerra Fria levando o seu antagonista à falência, o regime de Brejnev começara ele próprio a conduzir-se nessa direção, mergulhando num programa de armamentos desastroso. Fora, portanto, uma

³⁵ Período da história da União Soviética que tem início em 1964, com Brejnev, e acaba em 1987 após a entrada em vigor da *perestroika* e da *glasnost*.

³⁶ Hobsbawm 1996, 244.

corrida sem sentido que, em termos práticos, só serviu para dar à URSS uma falsa sensação de segurança.

O sistemático esforço dos soviéticos para se afirmarem nos oceanos mundiais não era muito sensato, pelo menos em termos estratégicos, apesar de ser compreensível do ponto de vista político. Contudo, o próprio facto de a URSS não aceitar o seu confinamento regional pareceu aos adeptos da Guerra Fria americanos uma prova clara de que a supremacia ocidental poderia acabar, se não fosse reafirmada por uma demonstração de força.

A política de Ronald Regan, eleito para a Presidência em 1980, só pode ser entendida como uma tentativa de apagar a mancha da humilhação demonstrando a inquestionável supremacia americana – invasão de Granada, ataque à Líbia e ao Panamá – numa cruzada contra o “Império do Mal”³⁷. A NATO havia começado o seu próprio rearmamento – sob um governo democrata nos EUA e governos sociais-democratas e trabalhistas na Alemanha e Grã-Bretanha – apoiada pelos americanos atuando no sul e centro de África, onde podiam agir em conjunto com o regime do *apartheid*. Governos da direita ideológica, comprometidos com uma forma extrema de egoísmo comercial e *laissez-faire*, chegaram ao poder em vários países por volta de 1980. Entre esses, Regan e a confiante e temível senhora Thatcher na Grã-Bretanha eram os mais destacados, associando-se ao capitalismo de bem-estar.

Como a URSS se desmoronou pouco antes do fim da era Regan, os propagandistas americanos afirmaram que ela fora derrubada pela brilhante campanha militar americana e os EUA congratulavam-se de ter “travado e ganho a Guerra Fria e destruído completamente o inimigo”³⁸. Não há, contudo, sinais de que o governo americano esperasse – ou previsse - o colapso iminente da URSS, ou estivesse de alguma forma preparado para o seu surgimento. Um conjunto de visões erradas sobre a URSS, a nível financeiro e militar, levaram os EUA a continuar a guerra e a ter, sob o inimigo, uma visão errada da realidade. O presidente Regan, fosse qual fosse a retórica que os seus redatores de discursos lhe pusessem à frente, acreditava *tout court* na coexistência dos EUA e da URSS. “O seu sonho era um mundo inteiramente sem armas nucleares. E o mesmo pensava o novo secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail

³⁷ Expressão celebrizada por Regan (Cf. Hobsbawm, 247).

³⁸ Hobsbawm 1996, 248.

Gorbachev, como ficou claro na estranha e agitada cimeira que realizaram na escuridão subártica da outonal Islândia, em 1986”³⁹.

A Guerra Fria acabou quando uma ou ambas as superpotências reconheceram o sinistro absurdo da corrida ao armamento nuclear, e quando uma ou ambas acreditaram na vontade da outra colocar um ponto final na guerra.

Provavelmente era mais fácil para um líder soviético que para um americano tomar essa iniciativa, porque, ao contrário de Washington, Moscovo jamais encarara a Guerra Fria como uma cruzada, talvez porque não precisasse de levar em conta uma excitada opinião pública. Por outro lado, exatamente por isso, seria mais difícil para um líder soviético convencer o Ocidente de que falava a sério. É por isso que o mundo tem uma dívida enorme para com Mikhail Gorbachev, que não só tomou a iniciativa como conseguiu, sozinho, convencer o governo americano e outros no Ocidente de que falava verdade⁴⁰.

O FIM DA GUERRA FRIA.

O fim da Guerra Fria não está relacionado com o fim do sistema soviético. Ambos os fenómenos são historicamente separáveis, embora exista entre eles uma ligação inquebrável. O socialismo soviético pretendia ser uma alternativa global para o sistema mundial capitalista. Como o capitalismo não se desmoronou, as perspectivas do socialismo como alternativa mundial dependiam da sua capacidade de competir com a economia mundial capitalista, reformada após a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Ambas as superpotências estenderam e distorceram demasiado as suas economias com uma corrida competitiva, maciça e dispendiosa ao armamento – os EUA chegaram aos 3 biliões de dólares em dívidas. Os EUA, graças a uma combinação de sorte histórica e política, tinham visto os seus dependentes transformarem-se em economias tão florescentes que superavam a sua própria economia. No fim dos anos 70, a Comunidade Europeia e o Japão juntos eram 60% maiores que a economia americana. Por outro lado, os aliados e dependentes dos soviéticos nunca conseguiram superar-se. Geográfica e demograficamente, os países atrasados, esperava Moscovo, iriam recuperar do domínio do capitalismo, que representavam 80% do mundo: em termos económicos, eram periferia. *Em suma, a Guerra Fria, desde o começo, foi uma guerra de desiguais.*

³⁹ A crença na coexistência pacífica dos EUA e da URSS, por parte do presidente Reagan, é descrita por Hobsbawm (1996, 248).

⁴⁰ Hobsbawm 1996, 248.

“Mas o que mudara exatamente?”⁴¹. A Guerra Fria transformou o panorama internacional em três aspetos: o primeiro, a nível da eliminação de todas as rivalidades e conflitos que moldavam a política mundial antes da Segunda Guerra Mundial. Alguns deixaram de existir porque os impérios da era imperial desapareceram; outros acabaram porque haviam sido relegados para segundo ou terceiro plano. França e Alemanha fizeram as pazes. É espantoso ver quão rapidamente as grandes preocupações típicas de Estados depois de grandes guerras desapareceram: os vencedores preocupavam-se com planos de recuperação dos perdedores que, por sua vez, preocupavam-se em inverter a sua derrota. Hobsbawm (1996) diz ser espantoso ver a rapidez com que as grandes preocupações típicas dos Estados, depois das grandes guerras, desapareceram e se redirecionaram para outros campos. Poucos no Ocidente se preocuparam seriamente com o sensacional retorno ao *status* de grande potência da Alemanha e do Japão.

Em segundo lugar, a Guerra Fria congelara a situação internacional, e ao fazê-lo estabilizara um estado de coisas essencialmente não fixo e provisório. A Alemanha é um bom exemplo: durante 46 anos esteve dividida em quatro setores. O fim da Guerra Fria e a desintegração da URSS reuniram os dois setores ocidentais e deixaram as partes da Prússia Oriental anexadas à URSS soltas e isoladas. Estabilização não significa paz - exceto na Europa, a Guerra Fria não foi uma era em que se esquecesse a luta – e dificilmente houve um ano entre 1948 e 1989 sem conflitos, apesar de controlados.

Terceiro, a Guerra Fria encheu o mundo de armas num grau que desafia a imaginação, assevera Hobsbawm (1996). Era o resultado natural de quarenta anos de competição constante entre grandes Estados industriais que se armaram para uma guerra que podia estourar a qualquer momento. Estes quarenta anos foram uma guerra constante de “baixa intensidade”.

Desta forma a Guerra Fria perpetuou-se. A Somália, armada primeiro pelos russos, depois pelos EUA, quando a Etiópia revolucionária se voltou para Moscovo, entrou no mundo pós-Guerra Fria como um território devastado pela fome e anarquia. Os EUA e a ONU mobilizaram-se para levar alimentos e paz.

O fim da Guerra Fria retirou de repente os esteios que sustentavam a estrutura internacional bem como as estruturas dos sistemas políticos mundiais. O que dela resultou foi um mundo em desordem e colapso parcial. Não poderia haver retorno ao mundo de

⁴¹ Questão levantada por Hobsbawm (pp. 250) e, no nosso entender, fundamental neste processo de compreensão do que foi esta “guerra fria” – e dos seus resultados – em termos mundiais.

antes da Guerra Fria, porque demasiadas coisas haviam mudado e desaparecido. Em 1947, os EUA haviam reconhecido a necessidade de um projeto imediato e gigantesco para restaurar as economias europeias ocidentais. As consequências económicas e políticas do colapso da União Soviética e da Europa Oriental foram ainda mais dramáticas que os problemas da Europa Ocidental e revelaram-se de um alcance bastante grande, sendo já visíveis nos finais dos anos 80.

É provável que as consequências do fim da Guerra Fria tivessem sido enormes de qualquer modo, mesmo que ele não coincidissem com uma grande crise na economia mundial do capitalismo e, em simultâneo, com a crise final da União Soviética. O fim da Guerra Fria provou ser não o fim de um conflito internacional mas o fim de uma era: não só para o Oriente, mas para todo o mundo. A poderosa União Soviética, nascida com a revolução bolchevique de 1917 e constitucionalmente instituída em dezembro de 1922, desaparecia ao fim de 70 anos. Em seu lugar nascia, em dezembro de 1991, uma *Comunidade de Estados Independentes*, que excluía qualquer manifestação de autoridade central. Tudo apontava para o fim. Depois de Gorbachev apostar numa posição de ligeireza política, com a Doutrina Sinatra, o Pacto de Varsóvia e o COMECON deixam de fazer sentido. Fulcral para o término da Guerra Fria e para o “degelo” foi o fim da “cortina de ferro”: o facto mais marcante do triunfo da liberdade e da democracia liberal no leste foi o derrube do muro de Berlim, a 9 de novembro de 1989, a que se seguiu imediatamente o processo de unificação da Alemanha.

NOTAS PARA UMA ARGUMENTAÇÃO FINAL

A Guerra Fria provocou a criação da *Comunidade Europeia* com todos os problemas que isso acarretou. Ela era uma forma de organização completamente nova, sem precedentes. Representava um acordo permanente - ou duradouro, pelo menos - de integração económica de vários *Estados-nação* independentes. Pode, com propriedade, dizer-se que a Comunidade Europeia foi um produto da Guerra Fria que em finais da centúria começou a dar sinais de fraqueza. Esta comunidade, criada no contexto da Europa pós-1945, foi simultaneamente a favor e contra os EUA: “ilustra tanto o poder e a ambiguidade daquele país quanto os seus limites; mas também mostra a força dos temores

que manteve unida a aliança antissoviética”⁴². Os EUA não estavam em posição de impor aos Estados europeus o seu ideal de um plano único europeu. Igualmente nem os britânicos, nem os franceses, desejavam que isso acontecesse.

O *frio* começa a derreter com a *glasnost*. A nova atmosfera é talvez mais entusiasticamente manifesta na *Glasnost* (...). A verdade é o principal. Lenine dizia: “Mais luz! Que o Partido saiba de tudo!” Dum modo sem precedentes, nós não precisamos de cantos escuros (...) é por isso que tem de haver mais luz⁴³. A verdade é que a *glasnost* se transformou num exemplo vivo de uma atmosfera espiritual e moral favorável a uma nova sociedade. A União Soviética emergiu da Segunda Guerra Mundial numa situação muito difícil. “Sim, tínhamos ganho a luta contra o fascismo, vitória essa obtida em conjunto com os Estados Unidos e outros participantes da coligação anti hitleriana”⁴⁴. Já com a *perestroika* as coisas não correram tão bem e ela mostrou-se mais difícil de implementar do que o previsto.

A Guerra Fria não foi a primeira vez que, no decurso dos últimos dois séculos, a Rússia deixou o mundo na expectativa quanto ao caminho que pretendia seguir. Apesar das perdas sofridas aquando da implosão do império soviético, a Rússia continuou a ser um país gigantesco. Por outro lado, não podemos esquecer também a velha ambiguidade cultural e geopolítica deste país, dividido entre a Europa e a Ásia, e as suas recentes oscilações entre ténues laivos de democracia e autocracia. No que se refere à política externa, a questão reside em saber se a Rússia tenciona fazer parte de algum equilíbrio multipolar emergente, ou se pretende ter uma palavra a dizer na cena internacional e, em particular, o poder de veto nas grandes questões mundiais. Não sabemos se pretenderia a Rússia apoiar o que restou da velha ordem mundial após o fim da Guerra Fria e o renascer do correspondente sistema global, nuclear e bipolarizado, já inexistente. Querirá isto dizer que a potência revolucionária de outrora se transformará na força estabilizadora do mundo industrial e pós-industrial?

A Rússia tinha, claramente, o potencial necessário para seguir quer uma via, quer outra, ou seja, tanto podia transformar-se numa força promotora de estabilidade mundial como numa fonte de problemas. “A Rússia parecia uma adivinha, envolta em

⁴² Gorbatchov, Mikhäil. 1987. *Perestroika. Novo pensamento para o nosso país e para o mundo*. Mem Martins: Publicações Europa-América (9.ª ed.), 239.

⁴³ Gorbatchov 1987, 86-87.

⁴⁴ Gorbatchov 1987, 243.

mistério e dentro de um enigma”⁴⁵. No mundo pós-queda do muro de Berlim, o maior dos desafios com que se depararam as potências anteriormente antagonistas consistiu em criarem juntas um sistema equitativo e justo, em que a Rússia faria parte da nova ordem mundial, tal como acordado após a Guerra do Golfo (1990-91).

Ainda hoje, mais de duas décadas após o fim da Guerra Fria, as relações entre os EUA e a atual Rússia não são das melhores. A 10 de fevereiro de 2007, Putin afirmava⁴⁶ que “o mundo unipolar proposto depois da Guerra Fria não se tinha materializado”⁴⁷. Acusava, assim, os EUA de aspirarem a uma ordem mundial hegemónica controlada por Washington, e reiterava que “a ordem mundial unipolar dos sonhos do período que se seguiu à Guerra Fria estava fora do seu [dos Estados Unidos] alcance”⁴⁸. Na mesma conferência, Putin declarou: “Somos uma nação europeia”, socorrendo-se do *slogan* “A Europa é a nossa casa comum”, frase aliás cunhada por Gorbachev em 1985, por ocasião do lançamento da *Glasnost* e da *Perestroika*.

*Somos todos passageiros a bordo de um único barco, a Terra, e não nos podemos permitir à sua destruição. Não haverá uma segunda arca de Noé.*⁴⁹

CRONOLOGIA

1914-1918: Primeira Guerra Mundial.

1939-1945: Segunda Guerra Mundial.

1941: Entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

1945: Eleições inglesas dão a vitória ao Partido Trabalhista (social reformista) que substitui Churchill à frente do governo.

1947/48: Início da Guerra Fria.

1950-1953: Guerra da Coreia.

1952 (7 de outubro): Putin nasce em Leninegrado⁵⁰, no bairro “difícil”.

1953: Morte de Estaline.

⁴⁵ Stuermer, Michael. 2009. *Putin e o Despertar da Rússia*. Lisboa: Editorial Presença. 21.

⁴⁶ A propósito das decisões na Conferência Wehrkunde que, durante a Guerra Fria, se realizava anualmente.

⁴⁷ Stuermer 2009, 25.

⁴⁸ Stuermer 2009, 26.

⁴⁹ Gorbachev 1987, 21.

⁵⁰ Esta cidade retomou, em 1991, o antigo topónimo de São Petersburgo. Foi fundada em 1703, o nome adveio-lhe do seu fundador (Pedro, o Grande) e, em 1712, tornou-se a capital do Império Russo. Entre 1914 e 1924 denominou-se Petrogrado, toponímia que foi substituída por Leninegrado, mantendo-se esta última até 1991, altura em que voltou a ser adotada a sua primeira designação. É a segunda cidade do país.

1957 (outubro): A URSS colocou-se à cabeça da conquista do espaço quando o *Sputnik 1*, o primeiro satélite artificial da História, foi colocado em órbita.

1958: Lançamento do *Explorer 1*. A América viu-se entrada na corrida espacial, em concorrência direta com a URSS.

1961: Construção do Muro de Berlim.

1962-1975: Guerra do Vietnam.

1962: Crise dos mísseis em Cuba.

1975: Ata final de Helsínquia.

1975: Putin conclui a sua formação universitária na Faculdade de Direito da Universidade Estatal de Leninegrado.

1979-1978: Guerra do Afeganistão.

1982 (julho): A Força Aérea Israelita abate 70 aviões de combate MIG sírios durante o conflito israeleo-libanês, provocando uma onda de choque em Moscovo.

1982-1983: Iuri Andropov é indigitado Presidente do Kremlin.

1986: Acidente de Chernobyl; Gorbachev estabelece a *Perestroika*⁵¹ e a *Glasnost*⁵².

1987: São celebrados acordos gerais com vista ao controlo do armamento entre os EUA e a então URSS, no âmbito do Tratado INF: *Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty*.

1989 (9 de novembro): Queda do Muro de Berlim.

1990: Têm lugar as negociações “dois mais quatro”; a OTAN presta “ajuda fraternal” na questão da reunificação alemã e Putin assume as funções de conselheiro do Presidente da Câmara para os assuntos internacionais, após ter trabalhado, desde 1985, para a delegação do KGB em Dresden, na então RDA.

1991: Implosão do bloco soviético.

SIGLAS

APEC: Cooperação Económica da Ásia-Pacífico.

ASEAN: Associação de Nações do Sudeste Asiático.

CIA: Central de Inteligência Artificial.

⁵¹ Simplificando (e em termos gerais), tratou-se de abertura à democratização da economia e do sistema político do país, com a consequente reestruturação dos mesmos. *Perestroika* significa, essencialmente, “reestruturação”.

⁵² Também em termos gerais, tratou-se de uma das políticas de apoio à *Perestroika*. Traduzido à letra, este termo significa “transparência” ou “abertura”.

COMECON: *Council for Mutual Economic Assistance* (Conselho para Assistência Económica Mútua).

CSCCE: Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa.

EUA: Estados Unidos da América.

KGB: *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti* (Comité para a Segurança do Estado).

NPI: Novos Países Industrializados.

OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.

OECE: Organização Europeia de Cooperação Económica.

ONU: Organização das Nações Unidas.

OSCE: Organização para a Segurança e Cooperação na Europa.

OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte, mais conhecida pela sigla inglesa NATO.

SDN: Sociedade das Nações.

TNP: Tratado de Não-Proliferação.

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

THE CONFRONTATION OF SUPERPOWERS: THE PATH OF THE COLD - UNITED STATES TO EURASIA

ABSTRACT: Our goal in writing this article was to try to understand the relationship between the United States and the Union of Soviet Socialist Republics, in the post-World War II until the culmination of the twentieth century when, in 1991, the "Cold War" ended. When, in 1946, Churchill said in Fulton, that an 'iron curtain' divided Europe, the process of Sovietization of eastern countries was already irreversible. Under the diplomatic protection of the USSR military and Communist parties gained strength and gradually seized power. A year spent on Alert Churchill, the United States assume, frontally, the leadership of the opposition advances of socialism. In the final pages presented a chronology of dates that seem worthy of emphasis and also a list of abbreviations.

KEYWORDS: Cold War. United States of America. USSR.

REFERÊNCIAS

Furtado, Celso (s/d). «Esferas de influência e desenvolvimento: o caso da América Latina». *Análise Social*, vol. VII (n.º 25-26).

Gorbatchov, Mikhãil (1987). *Perestroika. Novo pensamento para o nosso país e para o mundo*. Mem Martins: Publicações Europa-América (9.ª ed.).

Hobsbawm, Eric (1996). *A Era dos Extremos 1914-1991*. Lisboa: Editorial Presença.

Marques, Hélder (1995). «Da perspectiva racional-compreensiva ao planeamento estratégico: tópicos de reflexão». Comunicação apresentada no Seminário *O Planeamento Estratégico das Cidades*, Porto, Fundação Dr. António Cupertino de Miranda.

Neves, Pedro Almiro (2009). «Tempos, Espaços e Protagonistas». *Cadernos da História*, vol. IX. Porto: Porto Editora.

Stuermer, Michael (2009). *Putin e o Despertar da Rússia*. Lisboa: Editorial Presença.